

Valsas comigo? & outros contos

Miguel Araújo Oliveira

para Melanie e Nicole

1ª edição 2020

2ª edição 2024

© Texto & ilustração: Miguel Araújo Oliveira
(Todos os direitos reservados.)

Tratamento de imagem: Valdemar Sousa

ISBN: 978-9-4037-3820-8

Publicação e impressão: Bookmundo, Roterdão

Índice

Prefácio	5
A vida foi um barulho de tristuras	7
Venho vos dizer	14
Uma vida de chuto	19
Existência morna	20
Valsas comigo?	21
Julgava-te vivo	22
Vidas descafeinadas	32
Um beco sem saída	38
Amor de gesso	47
Espera sentado	51
E, de repente, eu tenho tempo	52
Ave de rancor	63
Antes de cair	70
Uma vida a ganhar cor	73
Quero confessar-te o ciúme	75
Num sonho te procuro	77
Lou-cura	81
São dias como este	83
Farpas no olhar	85
A morrer muito, cá dentro	87
Autópsia de um país	90
A porta do redil	95
A vida e o avesso	98
Assim é a solidão	101
Goethe por favor não!	104
À luz do dia	105
Os rasgos do acaso	115
Pequeno ensaio sobre o amor	119
Posfácio	121

Seja responsável!
Leia com moderação!

Prefácio

Acabo de decidir. A segunda edição deste livro. É um livro que escrevi. Há muitos anos. Quando ainda vivia. Na ilha da Madeira. Ficou guardado. Escondido aliás. Numa gaveta. São os pensamentos. De um jovem. Que também já fui. Antes do tempo ter passado por mim. Por cima de mim. Me ter passado a ferro. Ter derrubado os meus projectos de vida. As minhas ideais e o meu desejo. De mudar o mundo. De o tornar mais humano...

O que ficou? Foi a pergunta: Valsas comigo? --- Quer me parecer agora que sempre dancei. Sozinho. Registo isto sem pena nem dor. Nem rancor. Talvez o meu leitor consiga travar a luta que eu abandonei.

Um bem-haja a todos! Aos meus estimados e dilectos leitores!

Miguel Araújo Oliveira

Facilmente inflamável...

A vida foi um barulho de tristuras

à memória de Lydia Esperanza
– foste a última a morrer

Assim me rezas caro amigo:
Deus ainda acredita em ti –
Humanidade.

Zé-Maria Povinho de Ninguém, **af(r)o_ismos**

1. É um susto que lhe passa pelo rosto.
Um gato na estrada. Mesmo no meio da faixa.
À noite todos são pardos.
Contorna.
As rodas pranteiam. Cheira a borracha. Queimada. Dos pneus.
Um som. Dois sons se confundem no percurso da noite. Dois sons se cedem.
Alcatrão. Terra. Alcatrão e terra. Terra.
De repente, um retalho de luz.
Repentinamente o negro a desabafar. A embargar um pensamento.
Alegre, até.
Chegou ao fim. Da sua viagem.
2. O médico tira o estetoscópio. Pendurado ao pescoço. Mete-o na algibeira da bata branca.
O sorriso emudece. Torna-se sério outra vez.
Aperta-lhe o seio. À procura de caroços. De pedra.
Estilhaçada. Num corpo.
Desvia o olhar. Embaraçada.
Olha para baixo. Cabisbaixo.
Vê os dedos dos pés. Descalços.
Gelados. O chão do consultório, atónito. –

Embaraçada.

Não gosto dos meus pés, pensa. Embaraçada. O cancro a roer.
O médico a apalpar.

Mesmo que sintas. Não digas que sentes. Assim o diagnóstico
será outro. – Não sinto! --- O cancro. É. Sorrateiro...

---- Na parede do quarto: um quadro. Pendurado.

Alguém pintou o mês de Junho. Uma aguarela. Junho. Julho.
Agosto, Agosto.

34 anos de vida, pensa. 34 anos a esconder emoções, a
disfarçar sorrisos. A raivar. A ser hipócrita. E agora o cancro.

Agora o cancro na mama. Um prémio.

Em exposição.

Embaraçada.

Começa a chorar. Desculpe, pede ao doutor. Mas é a minha
primeira vez!

Que tento viver.

3. Conduz a noite.

Vai levá-la até casa. A noite.

Acelera. 120. Curva. Sobe, desce. Curva, contracurva.

Atravessa a vida. Na faixa de ultrapassagem.

A noite abriu a janela e saiu do carro. Estende-se sobre a
estrada. –

Pensa nela. ---- Pensa. Nela. Na saia que usa.

Não! Não pensa na mini-saia que deixa cair ao chão. Pensa no
corpo que usa.

Ninguém é bicho. Nem ela. Pensa. --- Nem ela. Pensa. -- Nem
ele.

Telefonar-lhe-á quando chegar.

Quando chegar.

4. Sentou-se à janela. Desligou a luz.

Há estrelas que se apagam. Que se rendem umas às outras.
E há uma mulher na lua. Que tem a sua idade.
Tem medo. Medo de lho dizer. Que tem o cancro. O cancro na
mama. Um nó. Uma pedra. Na mama. A morte instalada em
células do seu corpo.
Pensa na operação. Tudo vai correr bem.
– “Vou conseguir.”, diz bem alto. Acentuando cada sílaba da
última palavra. Não é uma palavra. É uma esperança. -----
Os médicos conseguiu-lo-ão!
Vai tudo correr bem. --- Talvez só uma cicatriz. --- Talvez
passe. O medo. --- Talvez nem se veja. O cancro. Que algo irá
faltar. --- Talvez nem sinta. A dor. O caroço. O corpo. -----

Olha para o relógio. Já é tarde.
Espera. Espera até ele chegar. A casa. – –
É director de vendas. É uma vida complicada. Atarefada.
E ela é esposa. De profissão. Mãe de um filho. Adolescente. –
Sabe da amante. Mais nova. Mais bonita. Com dois seios,
macios. Sem caroços. Sempre ausente. Nunca em casa. Sabe,
que o faz sentir mais novo. E desejado. –
Lava a roupa da cama. Todos os dias.
Vai buscar o filho ao colégio. Privativo. Todos os dias.
Enxuga a roupa da cama. Esfrega o chão. Faz café, almoço e o
jantar... Faz as compras. E a cama. Todos os dias.
Ela faz-lhe a cama. Todos os dias.
E ele chega tarde, porque tem uma amante que leva até casa.
Que lhe prepara a cama também. Ou no sofá. Ou na mesa de
jantar. Ou na carpete vermelha... O amor não tem lugar fixo.
Mas não quer pensar nisso agora.
Os semáforos mandam-no parar.

Por vezes telefona. A dizer que tem mais uma reunião.
Trabalho a despachar. Com a amante. Que usa um sorriso de
encomenda. Cândido. Sem rugas. Passado a ferro.
E nela formam-se nuvens. Pesadas. Cheias de vapor.
Chora de noite. Nas noites --- menosprezada... Os frios
arrastarem-lhe pelo corpo. Vazio. A cima. ---- Aceso. O ciúme.

És um fotógrafo, pensa. E eu uma modelo. Que te serve.
Fazes fotos. Mandas-me posar. Nua. De pernas abertas.
Forçando um sorriso. Inocente.
Mas nas fotos só aparece alguém que não sou. Alguém.
Ousada. Alguém mais jovem, que não sou. Nua e em pose.
Quer sentar-se num frigorífico. Acocorada. --- Sentir o sin-
gelo.

Sim, às vezes pensa em morrer. Morrer é como sair da sala de
um teatro, pensa. Quando a peça começa a aborrecer.

Em silêncio e devagarinho, para causar o menor transtorno
aos outros. Sentados no auditório. --- Não incomodar. --- Não
incomodes, pensa. --- Pensa. Incomodar... Às amantes. Às
garotas. Que lhe beijam os lábios candentes. E a fazem chorar.
Às vezes prende o olhar ao seu. E ela sabe, de repente, que
teima em sentir algo por ela ainda. Confuso, a quem ama.

É um segredo do destino. A quem ama. Mais.

Mas ela o ama! E está disposta a lutar. Contra o cancro. O
cancro na mama. O prémio que não quer receber. E que não
pode rejeitar. Acasos. Destinos.

A pedra que lhe pesa na alma. E que lhe causa dor. Um
pesadelo. Sem forma de despertar.

Pede-lhe para tomar um banho. Para não sentir o suor
estranho a roçá-la depois.

A água limpa. Tudo.

O gosto da outra na sua boca. O aroma da outra no seu cabelo.
Até a dor. A água limpa. Tudo.

5. É um susto que lhe passa pelo rosto.

Um gato na estrada. Mesmo no meio da faixa.

À noite todos são pardos. – Até os que vivem sete vidas numa só vida. Sete miúdas que são a noite. Contorna.

As rodas pranteiam. Cheira a borracha queimada. Dos pneus.

Um som. Dois sons se confundem no percurso da noite. Dois sons que se cedem.

Alcatrão. Terra. Alcatrão e terra. Terra.

De repente, um retalho de luz.

Repentinamente o negro a desabafar. A embargar um pensamento.

Chegou ao fim. Da sua viagem.

Uma árvore. Um carro destroçado na berma da via. E a vida a cortar-se. A transformar-se em ausência.

O tempo... a esgotar-se no infinito do espaço.

A testa coberta de febre e vidro. De cacos besuntados de sangue.

Ainda tem tempo para se arrepender. Da vida. Porque da morte ninguém se arrepende.

Um motor a trinar. A apagar-se... por fim. – –

6. Estava à espera dele. Com clamor. Aguardava inquieta. Acomodada na poltrona. Em frente do ecrã ledado da televisão.

Os caroços no corpo.

Cheia de ansiedade. Como dizer-lhe? O cancro. O prémio. Como?

A sorrir! Porque tudo vai correr bem.

A chorar! Porque sim! Tudo correrá bem. – –

7. Já tinha adormecido.

Sonhou que estava deitada na cama. Perto dele.

Trazia o cheiro dela, impregnado na pele. Um perfume de mulher, que não era o dela.

Virou-se para ele.

Ele estava a amá-la. A rapariga. Sua amante. Trouxe-a cá. Desavergonhado. Para casa. Para o quarto de dormir. Para a estrear aqui. Na sua cama. O perfume dela.

E ela do seu lado a observá-los. A chorar. A ouvi-los. A gemer, a gemer. De satisfação, de prazer. A chorar. A não sentir nada. Só o incómodo de existir. --- Não incomodes! --- É sair deste filme...

Foi quando tocou o telefone. Toca. Toca.

Pressente, que se atrasará. Mais uma reunião! Mais uma mentira! Mais uma noite... É a sua paixão. Seu passatempo. Que não deixa. Que não o larga da mão.

O amor. O amor pela noite. Que é forte. Mais forte que ele. Porque a carne é fraca. E mais jovem. A rapariga é. Mais. Jeitosa.

O telefone toca. Mais uma vez. Duas vezes. Toca. Toca.

Depois emudece. Para sempre. O pranto. O capricho. O ciúme.

O aparente contra-senso. –

Dois traços – – um ponto final

